

Educação:

tarefa do homem, tarefa do cristão!

*Colocação de Franco Nembrini, educador italiano, sobre o livro
“Educar é um risco”, de Luigi Giussani.
São Paulo, 20 de julho de 2009*

Agradeço muito por vocês terem feito o sacrifício de estar aqui hoje. Eu sei que muitos de vocês fizeram uma longa viagem para estar aqui e espero que valha a pena. E vale a pena se alguns de nós - com relação àquilo que eu vou dizer, ao conteúdo do livro que eu vou apresentar - nos dispusermos a se colocarem em questão, em discussão.

Eu entendi que o objetivo dessa apresentação, desta conversa entre nós hoje é este: iniciar um trabalho conjunto, mesmo que, evidentemente, em meia hora é impossível apresentar em toda a sua profundidade um livro de Dom Giussani. O que eu vou tentar fazer é despertar em vocês a vontade de lê-lo e, portanto estudar juntos, ajudando-se nas diversas cidades, nas escolas, enfim, entre amigos, ajudar-se a retomar o livro durante o ano. Depois, quando eu eventualmente tiver a oportunidade de retornar, nós conversamos mais uma vez juntos.

Pessoalmente são trinta anos que leio e releio e não termino de entendê-lo, por isso não se assustem se as poucas palavras que vou dizer hoje precisem ser aprofundadas e compreendidas. É somente o início de um trabalho que eu espero que dure toda a vida para cada um de vocês, porque – e assim vou introduzir o tema – nós somos sempre educadores. E não se aprende nunca definitivamente o que significa ser educador, porque a educação é a tarefa do homem, a tarefa do cristão.

Nós já dissemos isso quando encontramos os amigos de Cleuza e Marcos na sede deles e procuramos explicar exatamente esta idéia: a educação não é o trabalho de alguns. Não é a profissão dos pais ou a profissão dos professores. A educação é a profissão do homem; e sempre o homem – enquanto vive e testemunha o seu modo de ser – educa. Neste sentido, a educação é verdadeiramente o que diferencia o homem do animal, porque a vida biológica as vacas e as cabras também dão; e também os animais provêm de algum modo as necessidades dos seus pequenos, dos seus filhotes. Mas o que é que só homem faz? A educação, isto é, o acompanhamento, a companhia aos menores para que eles caminhem ao seu destino.

Este acompanhar os pequenos – ou acompanhar aqueles da mesma idade, porque hoje também nós estamos nos educando juntos –, este testemunho recíproco que existe pelo próprio fato de os homens viverem é a educação. Por isso eu digo sempre que a educação não é a profissão de

alguns, mas coincide, é aquilo que nos diferencia dos animais e que nos faz semelhante a Deus.

Por que Deus veio à Terra realizando o Cristianismo? Jesus veio a Terra, para fazer a educação e na Igreja permanece a presença de Jesus entre os homens para fazer a educação; tanto que sempre definiu a si mesma como mãe e mestra e, por isso, quando Dom Giussani teve que definir a natureza do Movimento a qual ele deu origem sempre disse que CL era um movimento de educação à fé. Nesse sentido espero que esteja claro quando eu digo que a educação é própria do homem, que caracteriza o homem.

Depois disso naturalmente há uma profissão particular, que é aquela dos pais que têm como tarefa específica a de educar. E depois há uma profissão na sociedade que é aquela dos professores, que é a profissão mais bonita do mundo exatamente por isso, porque tem como tarefa específica a educação.

Dito isto eu vou procurar dizer brevemente o conteúdo fundamental do livro *Educar é um risco* (Editora EDUSC, São Paulo, 2004). Vou apresentar a parte central que tem o título: “Dinâmica e Fatores do Acontecimento Educativo” (página 47). Todas as outras palestras deste livro complementam e exemplificam esta parte fundamental (que vai da página 47 a página 86). Eu vou pedir para que vocês trabalhem muito sobre estas páginas porque, repito, em trinta anos eu as li milhares de vezes, mas ainda hoje iluminam o meu trabalho de professor.

Dom Giussani identifica a dinâmica educativa em quatro palavras fundamentais. Ele diz que a primeira condição da educação é a **tradição** e ele diz que **a fidelidade à tradição é a condição para a certeza da criança, do educando**. Procuremos entender estas duas palavras: tradição e condição da certeza. Façamos uma observação importante: pode ser que lendo o texto vocês encontrem exemplos que se referem à situação italiana e à situação italiana de quarenta anos atrás, quando ele escreveu o livro. Vocês precisam fazer um esforço para superar estes exemplos, para procurar entender o raciocínio que permanece absolutamente atual e válido também para o Brasil, no sentido que a dinâmica que ele descreve é a dinâmica do homem. Eu fiz o mesmo trabalho sobre educação numa escola que fundamos em Serra Leoa, na África, num lugar muito distante – como

cultura e como tradição – da Itália. Mas eu asseguro a vocês que estas quatro passagens, estas quatro palavras nas quais Dom Giussani identifica o processo educativo têm um valor universal, por isso ela vale em qualquer época, em qualquer situação, incluindo a de vocês.

1 Então, a primeira palavra – **tradição** –, a meu ver, é a palavra fundamental porque tematiza a pessoa do adulto. Dom Giussani explica que a educação acontece quando a criança encontra no adulto uma hipótese que ele chama de **hipótese explicativa da realidade**, ou seja, ele pretende dizer que aquilo de que uma criança mais precisa é ter diante de si um adulto que viva para si uma hipótese boa a respeito da vida. Eu acho que entendi isso quando o meu filho Stefano tinha seis anos. Eu, num domingo à tarde, estava corrigindo provas e redações e estava muito concentrado no trabalho e, a certo momento, eu levantei a cabeça e vi que o meu filho me observava, que me olhava. Eu só vi os olhos dele porque ele era do tamanho da mesa e só dava pra enxergar até os olhos. Eu não sabia há quanto tempo ele estava ali. Ele se aproximou em silêncio e ficou olhando o pai que trabalhava. Ele não tinha nada de especial para me perguntar, não estava com sede nem fome e não tinha nenhuma necessidade particular. Ele me olhava e basta. Eu me lembro muito bem como se fosse hoje que, naquele dia cruzando com o olhar do meu filho, uma idéia me atravessou a mente: no olhar do meu filho eu senti se dirigir a mim uma pergunta totalmente radical. Era como se meu filho me olhasse pedindo: “Papai, me assegure que vale a pena vir ao mundo”. Então quando Giussani diz que a tradição é a palavra mais importante do processo educativo, pretende dizer que o problema educativo não está nas crianças ou nos jovens, mas está sempre no adulto. É o adulto que se propõe ao filho ou ao aluno que tem diante dele, porque ele mesmo está verificando uma hipótese boa a respeito da vida e da realidade.

Neste sentido o Papa Bento XVI fez discursos memoráveis sobre educação. Em Roma ele disse que o educador é testemunha de uma bondade das coisas, de uma bondade da vida, de uma positividade do real diante dos seus filhos e dos seus alunos. E a certo ponto no seu discurso, ele faz uma afirmação muito precisa onde diz: “não coloquemos a culpa

nas crianças, nos meninos, nos filhos ou aos jovens, porque as crianças vêm ao mundo como sempre vieram ao mundo”. Isto é, com o desejo de felicidade.

E se nós vivemos aquilo que o Papa chama de uma *emergência educativa*, não é porque nossas crianças, nossos filhos, nossos alunos são piores do que em outros tempos. É uma urgência educativa porque não há mais adultos que sejam testemunhas da bondade do real. Então Dom Giussani chama de hipótese explicativa da realidade este testemunho que o adulto dá do seu relacionamento com o infinito, do seu relacionamento com toda a realidade, do seu relacionamento com o Mistério. Ele chama de tradição a experiência de bem que o adulto faz na sua própria vida e em qualquer forma – pois mesmo de forma inconsciente o adulto é sempre testemunha desta hipótese a respeito da realidade.

Na Bíblia no final do sexto capítulo do livro do Deuteronômio, no Antigo Testamento, diz assim: “Quando teu filho te perguntar mais tarde: Que são estes mandamentos, estas leis e estes preceitos que o Senhor, nosso Deus, nos prescreveu? [que significa dizer: quando o teu filho te perguntar “por que preciso ser bom?”, “porque tenho que obedecer?”, “porque devo seguir as tuas sugestões e os teus conselhos quando o mundo inteiro diz exatamente o contrário?”], Tu lhe responderás: éramos escravos do faraó, no Egito, e a mão poderosa do Senhor libertou-nos. À nossa vista operou o Senhor prodígios, e grandes e espantosos sinais contra o Egito, contra o faraó e toda a sua família. Tirou-nos de lá para conduzir-nos à terra que, com juramento, havia prometido a nossos pais dar-nos”. (Deu 6, 20-23). O que, traduzindo, significaria o seguinte: meu filho, eu também era como você: presa deste mundo, escravo da cultura deste mundo, mas no encontro com a experiência cristã, no encontro com Cristo, Deus manteve a promessa que fez aos nossos pais, manteve a promessa que colocou no meu coração e no seu e assim hoje eu sou feliz.

Parece-me que todo o desafio educativo esteja nisso – que um adulto possa olhar um filho de 6 anos, de 10, de 15, e desafiá-lo sobre este ponto: “olha como a minha vida é feliz”. Mas quem de nós pode, olhando nos olhos de um filho ou de um aluno, dizer isso com absoluta certeza? Este é o

problema da educação, dá pra entender? Por isso é um problema do adulto, nunca do aluno.

Isto é uma observação interessante: é claro que a felicidade é algo sobre o qual não se pode falar: existe ou não existe. Não existe porque você fala dela; é uma experiência, é um testemunho. Não é que você possa falar da felicidade para o seu filho e depois durante o dia está sempre irritado com a vida. Ao contrário, é uma daquelas coisas a qual não se deve falar nunca, porque existe.

A outra coisa significativa que eu gostaria de dizer para vocês é: os nossos filhos, os nossos jovens, os nossos alunos, os pequenos nos olham sempre. Eles dormem e nos olham, brincam entre eles, mas estão nos olhando, eles vão para creche ou para escola, mas na verdade nos olham. Eles nos olham sempre.

Neste sentido a educação é realmente uma arte. Parece contrária, parece que a educação seja por excelência uma arte da palavra, no entanto aprendemos logo, sobretudo se somos pais, que as palavras servem muito pouco para a educação. (Na educação, muito frequentemente as palavras distanciam o educador do educando, são fonte de equívocos, são fonte de mal entendidos). Ao invés, a educação é um olhar que se tem para com os próprios filhos e os próprios alunos. Por isso eu acho que nós temos que nos ajudar muito, porque dizer que a educação é testemunho revoluciona o nosso modo de ser pais, mães e professores.

A tradição, ou seja, a possibilidade de que o adulto testemunhe uma certeza e uma bondade na vida, é a condição para que a criança cresça segura e certa. Olhem que esta observação tem também um valor psicológico: a criança, justamente nos anos em que está crescendo, o que precisa é saber que sua mãe e seu pai sabem as coisas fundamentais para viver. Por exemplo, se uma criança de três anos pergunta para seu pai: “Papai, o que é aquela coisa luminosa que está no céu?”, ela tem o direito de ouvir uma resposta com segurança. O pai dele deve dizer: “é o sol, meu filho, eu sei o que é.” E se o filho continua, vai perguntar “mas por que o sol se move e gira em torno da Terra?” O pai pode até responder de forma errada, porque talvez não tenha estudado e pense que é o sol que gira em torno da Terra, e vai dizer ao seu filho: “porque a Terra está parada e é o sol que gira em torno

dela”. Mas é infinitamente mais importante que ele lhe diga esta resposta, mesmo se estiver errada, do que um pai que diz: “o que é aquela coisa no céu? Sei lá”. “Por que ela se move?” “É... não sei” e lhe diga, “olha, eu acho que é o sol, a mamãe acha que é a lua, o tio diz que ninguém entende nada... veja aí o que você acha”. A criança cresce boba, entende? Ao invés, o fato de que ele acredite no seu pai, lhe permitirá no tempo corrigir os erros que ele tenha ensinado e chegará o dia em que ele voltará da escola todo contente e dirá ao seu pai: “Papai, que coisa você me ensinou!? A professora me explicou esta manhã que é o sol que está parado e é a Terra que gira!” Entendem? É a solidez do seu relacionamento com o pai, a certeza que ele lhe comunicou, que torna possível pouco a pouco também a correção dos erros.

Essa e outras conseqüências para a educação que vocês vão descobrir, vocês devem discutir muito. Façamos exemplos: isso quer dizer que se eu e minha mulher não estamos de acordo sobre um assunto, é um delito educativo brigar diante dos filhos. Tem uma idade em que o filho tem o direito de ouvir *uma* proposta – e não duas em conflito entre elas. Isso também tem conseqüências sobre o valor da escola, porque há uma idade em que a criança, assim como tem direito a uma proposta educativa, tem direito a uma proposta na escola que não contradiga a da família, se não ele não poderá entender, terá dificuldades. E Giussani explica deste modo neste livro a necessidade e a oportunidade de uma escola católica, e a defesa da liberdade de educação, porque é a defesa do direito da criança de se tornar adulto, etc. São muitas as conseqüências E vocês vão descobrir juntos lendo o livro e trabalhando sobre isso.

2O segundo ponto é a palavra *autoridade*. Diz Giussani: como a tradição é condição da certeza, assim *a autoridade é a condição da coerência*, isto é, a possibilidade que no tempo a proposta educativa permaneça e revele a sua verdade, a sua bondade. Ele diz que a palavra autoridade identifica o lugar físico, concreto, em que aquela hipótese positiva a respeito da realidade se manifesta e se torne proposta para a pessoa. Ou seja, a proposta não é nunca abstrata ou colocada no ar, está sempre encarnada em uma experiência, em um lugar preciso que será a família, a escola, a paróquia, os diversos lugares da educação.

Este ponto me parece mais fácil: a proposta deve ter um lugar que possa ser vivida. Tem uma conseqüência interessante nisso. Giussani a explica com as palavras “*função de coerência ideal do adulto*”. O que significa? Significa que os nossos filhos não pedem que nós sejamos perfeitos. Significa que o testemunho de que eles necessitam não é o testemunho de um pai ou de um professor que não erre nunca ou que saiba tudo. Aliás, eu sempre digo que não há nada de mais triste e de mais patético do que um adulto que queira se apresentar como perfeito diante dos seus alunos. Se não fosse por outros motivos, por um motivo banal: os filhos entendem com três anos que somos tão bobos quanto eles (e provar o contrário é uma empreitada já fracassada), assim como nossos alunos sabem exatamente que não somos perfeitos e não sabemos tudo.

Deste ponto de vista nossos filhos e alunos nos perdoam muito mais do que nós os perdoamos. Mas tem uma coisa que eles não podem perdoar, aquilo que nós dissemos antes: a ausência de uma hipótese boa sobre a vida, ou seja, a ausência de esperança. É isso que eles não podem perdoar, porque isso lhes condena ao desespero. Eu estou convencido disso. Todo o resto eles nos perdoam: os nossos defeitos, as nossas falhas, as nossas traições. O que eles nos pedem é uma coerência ideal, isto é, uma fidelidade ao ideal que nós encontramos na vida assim como podemos, assim como conseguimos, assim como somos capazes. Em suma, é como se eles nos pedissem: “Papai, diga-me que a estrada existe. Não tem problema se depois você, pai, tem dificuldade, tropece, pare no caminho. Mas eu lhe peço: me diga que estamos na estrada certa”. Esta é uma das conseqüências mais decisivas, uma das coisas mais decisivas do *Educar é um risco* de Giussani – a função de coerência ideal do adulto. Também porque isso é muito libertador. Eu digo sempre aos pais: não acreditem em todas aquelas besteiras que se dizem hoje. Parece que hoje para ser pai há uma necessidade de uma equipe psico-pedagógica inteira que lhe ajude. Para educar um filho você deveria ter um pedagogo, um psicólogo, um padre (se você é católico), um nutricionista. Ao invés, Deus continua a confiar em nós para pedir para sermos pais e mães. Então eu digo sempre aos pais: “Fiquem tranquilos. Vocês são os melhores pais do mundo para os seus filhos”. Claro? “A condição é que vocês, em primeiro lugar, se deixem educar pela vida”.

Eu sei muito bem os problemas que existem nas famílias – eu não sou estúpido –, mas eu continuo a acreditar que há uma fidelidade no relacionamento com os próprios pais, que é dada verdadeiramente pelo próprio Deus para cada um de nós para nos tornar adultos. Em termos mais simples: não tenham medo de errar, porque os alunos e os filhos perdoam todos os erros que cometemos. Aquilo que eles não perdoam, aquilo que eles não podem perdoar é o seu desespero, a sua tristeza, porque a tristeza deles é filha da nossa tristeza, sempre.

3A terceira palavra é *verificação*, que é a *condição da convicção* pessoal. Isso é muito fácil de entender, pois nessa palavra Dom Giussani, em particular, enfrenta a passagem da adolescência, isto é, da infância para a idade adulta. Ele explica – e isso também tem muitas conseqüências pedagógicas – que não existe verdadeiramente educação se a certo momento a proposta do adulto não é verificada pelo aluno. Quer dizer que existe um momento absolutamente positivo em que o aluno olha criticamente o ensinamento que recebeu dos pais ou dos professores e esta é uma passagem inevitável para o seu amadurecimento, para a sua maturidade.

Este é o momento absolutamente mais difícil para o adulto, porque quando criança ele vem atrás de você quase naturalmente, porque quando ele é pequeno, graças a Deus, por natureza, ele acredita no pai, na mãe e no professor. Mas vem uma idade em que não acredita mais de modo natural, automático. Ele deve acreditar por razões suas, por razões tornadas suas. E como isso parece, num primeiro momento, uma negação daquilo que lhe foi ensinado, nós, adultos, temos medo. O adulto tem medo da liberdade.

Esse é o verdadeiro problema que a certo ponto aparece de modo dramático nas famílias e nas escolas. Nós preferiríamos ter filhos ou alunos que, como ovelhas, dizem sempre sim. E aquilo que é uma passagem maravilhosa da maturidade do filho é sentida, ao contrário, como obstáculo ou como objeção no relacionamento com os pais ou o professor. E a educação não acontece se não passar por este momento maravilhoso.

E isso também tem uma série de conseqüências. Por exemplo, se poderia dizer que nesta fase há um aspecto de rebelião à família e ao que chamamos

antes de tradição, mas que não é uma rebelião verdadeira. É como tomar distância necessária para que ele possa olhar bem aquela hipótese que foi oferecida. E, por exemplo, poderia acontecer que o filho encontre fora da família um ponto de apoio e de referência, que ele não reconhece mais no seu pai e na sua mãe. Quando acontece isso é preciso agradecer a Deus. Mas há pais entre nós que ficam enciumados, porém é realmente preciso agradecer a Deus quando num momento tão delicado quanto este, em que em um instante ele poderia realmente recusar toda a proposta da família, por algum motivo estranho ele a abraça através de outra pessoa. Evidentemente isso também toca a dinâmica educativa dentro da escola. Isso diz respeito a como tratamos os nossos filhos em casa ou na escola.

Freqüentemente nós temos um modo de tratar os filhos e os alunos pelo qual abstratamente nós dizemos querer o bem deles, o seu destino, o valor de sua pessoa e nos fatos e, ao contrário, nós atribuimos a eles um valor que depende exclusivamente, por exemplo, do êxito na escola. E assim o “eu te quero bem, te quero bem, te quero bem” vira o “eu te quero bem, mas eu gostaria muito mais de você se você fosse bem na escola”. Eu entendo que nós os amamos, mas a percepção que o filho tem não é que nós os amamos. É a percepção que você o amaria se ele fosse como você quer, e assim o filho se sente sempre chantageado por uma imagem que os pais têm. E a educação não se torna nunca aquilo que deveria ser: um ato de misericórdia. Porque a educação começa quando você ama o outro por aquilo que ele é e não por aquilo que você gostaria que ele fosse.

Então é preciso permitir aos filhos e aos alunos a verificação, com toda a dificuldade que isto comporta para nós. A verificação é a única possibilidade para que eles cresçam convictos daquilo que eles receberam.

Agora, a última palavra. A palavra *risco*, que está ligada à palavra liberdade: *risco como condição da liberdade*. Olhem bem que esta é a última palavra, mas é aquela que dá título ao livro. Porque é a palavra, talvez, mais decisiva. Porque Dom Giussani diz: há um aspecto em que o adulto, o educador, faz tudo aquilo que está nas suas possibilidades, mas permanece uma última liberdade para além da qual ele não pode ir. O próprio Deus parou no limiar da nossa liberdade. Ele não nos salvou a

despeito da nossa liberdade, mas respeitando a nossa liberdade até ser assassinado na cruz.

O adulto, a certo ponto, entende que não pode ir além. Há um mistério, que é o mistério da liberdade do outro, que ele não pode profanar. E é isso que Giussani chama de risco.

E por outro lado, sem este risco, a educação não se completa, porque não chegaria até afirmar a liberdade do outro. Sobre isso eu creio que a página mais bonita do mundo seja a parábola do filho pródigo, do Evangelho. Aquele pai – que é Deus – ouve do seu filho predileto – o segundo, o menor, dá para imaginar que é seu filho predileto – ele ouve o seu filho predileto, dizer: “vai para o inferno você, o teu sermão, teus valores, eu quero jogar fora a minha vida”. Aquele pai – que é Deus – o deixa ir. Todas as vezes que penso nisso, me dá arrepios. Eu não sei se sou capaz de amar a liberdade dos meus filhos até este ponto. Graças a Deus, não me foi pedido de ter filhos que fizessem isso, porque eu não sei como teria reagido. Mas eu entendi que, quando eles tiveram um momento de grave desorientação, dúvida – porque os meus filhos também passaram por isso –, era esse nível de paternidade que estava em jogo: um amor à liberdade deles tão grande, que se arriscaria a perdê-los. E eu continuava a ler esta parábola, porque eu entendia que a única coisa que eu podia fazer era fazer como aquele pai do Evangelho: Deixá-los ir, mas deixá-los ir com a esperança de que eles pudessem retornar. E a minha tarefa de pai, a tarefa de minha esposa como mãe, teria sido aquela da garantir a estabilidade da casa, porque somente se há uma casa na qual se pode retornar, o filho pode se arrepender e se reencontrar. Muitas vezes, porém, a dispersão dos filhos nos faz destruir a casa que nós habitamos e, quando os filhos decidem retornar, eles não têm um lugar para o qual retornar, e este é o desespero verdadeiro.

Dom Giussani, com essa quarta palavra, escreve realmente um hino à liberdade, pedindo a nós, adultos, de sermos tão grandes a ponto de saber carregar o peso e a cruz do “não” dos nossos filhos. Um não que pode durar um dia, uma semana, um mês, um ano ou uma vida inteira. Mas diante do qual a nossa única tarefa é a de permanecer. Foi assim que sempre entendi aquilo que eu falei antes: a função de coerência ideal do adulto. Que com relação aos filhos que vem, vão, voltam, traem, se irritam, desobedecem,

você fica como uma casa sobre a rocha, à qual sempre é possível retornar. Imaginem um professor que entra em uma escola sendo esta rocha sobre a qual os alunos possam se apoiar!...

Para concluir, faço uma última observação. Se a premissa é verdadeira - ou seja, que a educação diz respeito a toda a vida do homem e a todos os homens -, o que nós dissemos hoje não se refere somente a tarefa dos pais ou dos professores, mas diz respeito, por exemplo, ao trabalho de todos os colaboradores da Cleuza e do Marcos, mas até coincide com o trabalho de sermos amigos. Para que existe CL, ou uma fraternidade de CL, ou uma comunidade de CL, se não para nos educarmos assim? Isso é realmente interessante, porque tematizar a educação é tematizar a nossa fé. A nossa fé na sua capacidade de tornar verdadeiros os relacionamentos entre nós e de tornar corajosa a nossa responsabilidade com os filhos, com os alunos, com os amigos, com tudo.